

O Trabalho dos Pesquisadores da Comunicação

Antonio Fausto Neto *

Pretendo apontar tópicos precisos para nos ajudar a refletir a questão do trabalho dos pesquisadores da comunicação nas universidades, ao invés de desenvolver uma reflexão de ordem mais abrangente.

Para entender a situação da pesquisa em comunicação e seu desenvolvimento na universidade, deve-se levar em consideração fatores *macro* e níveis *micro*. Pode-se partir da hipótese segundo a qual os modelos sócio-políticos que orientam a vida do país prescindem da colaboração da universidade para a ação produtiva/reflexiva da sociedade. O conhecimento produzido no âmbito universitário deixou de influenciar a definição de políticas e priorização de estratégias voltadas especialmente para o campo sócio-cultural. Evidente que há exceções, mas como tal devem ser analisadas.

Ao mesmo tempo, a reorganização do perfil e da vocação universitárias, intimamente instrumentalizadas face aos apelos do mercado de trabalho, faz com que a sociedade, particularmente através dos seus estamentos majoritários — e às voltas com questões sobrevivenciais — não cobrem da universidade a produção e a devolução do conhecimento necessário à superação das problemáticas da pobreza e do atraso. Recentemente, Luis Eduardo Vanderley, reitor da PUC-SP, disse em conferência pronunciada no Nordeste que caso a Universidade cerrasse suas portas durante seis meses para se dedicar a alfabetização, tal ato passaria despercebido pela população, num indicador da desarticulação inexistente entre uma e outra. Evidentemente que o reitor caricaturava a questão, mas ainda assim é possível que a essência do problema por ele levantado seja bastante procedente.

Estes fatores responsáveis pelo esvaziamento da ação universitária produziram conseqüências interessantes para serem analisadas, como por exemplo, o deslocamento de centenas de vocações do âmbito da gestão estritamente da pesquisa para se dedicarem à administração da chamada crise institucional da universidade. É nesse contexto que

* Professor de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba.

emerge o movimento docente em cujo seio passam a militar expressivas vocações da pesquisa universitária.

Há um outro conjunto de fatores que chamo de nível *micro*. Por ele pode-se entender, por exemplo, as consequências advindas da inexistência de autonomias financeiras e pedagógicas da universidade, no sentido dela própria formular, orientar, administrar e avaliar as chamadas políticas de pesquisa.

Sabese que, *grosso modo*, o setor de pós-graduação das universidades brasileiras é absolutamente regulado e controlado por agências que lhe são externas, as quais muitas vezes ao invés de auxiliá-los no fomento e na definição da qualidade da pesquisa, funcionam muito mais como verdadeiras tutoras. Isso sem esquecer o fato — o que é mais grave — da inexistência de recursos próprios para pesquisa na composição dos próprios orçamentos das universidades, levando dezenas de pesquisadores a de deslocarem de suas áreas de interesses para outras que lhe são ditadas pelos organismos financeiros. A propósito desta questão, algumas consequências imediatas significam: a transformação das pró-reitorias de pós-graduação em apenas agentes administradores dos recursos das agências (externas) financiadoras. De outro lado, a perda de autonomia da universidade em definir seu perfil sobre pesquisa, submetendo-se às conjunturas fixadas pelas agências.

Há outros problemas, os quais por serem menores não deixam de ser graves, como por exemplo, a emergência das “igrejas” e das “confrarias” que resultam em novas estratificações entre os docentes, cuja ilustração pertinente seriam os chamados “professores pesquisadores” e os simplesmente professores...

Além disso, há a falta de autonomia pedagógica das universidades, o que faz com que estas estejam submetidas ao grande “balcão” do Conselho Federal de Educação. Isso reduz o campo de ação do docente à uma dimensão contábil, na medida que sua atividade dominante, enquanto atividade de serviço, se constitui em “dar aula”. Claro que a transmissão de conhecimentos é uma das missões da universidade, mas o que está ocorrendo é que em virtude desta regulação da vida da universidade — de fora para dentro — existe uma exacerbação da “sala de aula” em detrimento de outras tarefas que os docentes poderiam e deveriam se dedicar.

Há, finalmente, um outro conjunto de problemas que dizem respeito à tematização da pesquisa. Em si, este problema mereceria ser tratado especialmente sobre as condições de produção e desenvolvimento de certas temáticas de pesquisa. Acho que devido à falta de tradição da pesquisa, somada à fluidez da comunicação e seus objetivos e ao baixo nível crítico para a percepção do processo cultural, estamos a deriva de problemas, conteúdos e métodos que nos são “legados” por centros farâneos. Acho também que esses mecanismos de “traslados” deveriam ser estudados a fim de que se pudesse entender os prejuízos do modismo e a relevância daquilo que finalmente deve ser desenvolvido pelas já poucas e combatidas condições de pesquisa que dispomos ao nível de nossas instituições.

Revista
ISSN 0336-2628

MEDIOS EDUCACION COMUNICACION

UN ENFOQUE ALTERNATIVO EN UNA OFERTA DE EDUCACION SUPERIOR NO FORMAL
Integrante de la Red Iberoamericana de Revistas de Comunicación y Cultura

Casilla de Correo 3277
1000 Buenos Aires
ARGENTINA

MEDIOS EDUCACION COMUNICACION

UN ENFOQUE ALTERNATIVO EN UNA OFERTA DE EDUCACION SUPERIOR NO FORMAL
Integrante de la Red Iberoamericana de Revistas de Comunicación y Cultura



Nuevas Tecnologías
de comunicación

y cambios
sociales